

Com as medidas de isolamento social, Sergipe tem mais de 900 mil pessoas fora da força de trabalho

O IBGE divulga hoje os primeiros resultados mensais da PNAD COVID19, uma versão especial da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios com o objetivo de monitoramento dos principais impactos causados pela pandemia do novo coronavírus no mercado de trabalho e nos serviços de saúde. Os resultados divulgados hoje referem-se ao mês de maio, o primeiro mês de coleta da pesquisa, e trazem dados para o Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Eles são apresentados em caráter experimental, podendo ocorrer ajustes no questionário ou nos indicadores derivados das variáveis investigadas, o que pode ocasionar variações significativas entre uma divulgação e outra. Para Sergipe, os dados apontam que mais da metade da população em idade de trabalhar (51,4% ou 942 mil pessoas) estava fora da força de trabalho, ou seja, não estavam trabalhando e não estavam procurando trabalho.

Das cerca de 1,833 milhão de pessoas com 14 anos ou mais de idade, apenas 826 mil estavam trabalhando

Em Sergipe, 1,833 milhão de pessoas tinham 14 anos ou mais de idade em maio e, para os conceitos utilizados na pesquisa, foram consideradas como “pessoas em idade de trabalhar”. Desse contingente, apenas 826 mil estavam ocupadas. Outras 65 mil pessoas não estavam ocupadas em maio, mas tomaram algum tipo de providência para conseguir um trabalho, ou seja, tecnicamente estariam em condição de desocupação ou, ainda, desempregadas. Somadas, essas duas categorias formam a chamada “força de trabalho”, que, em maio, contabilizava 891 mil pessoas.

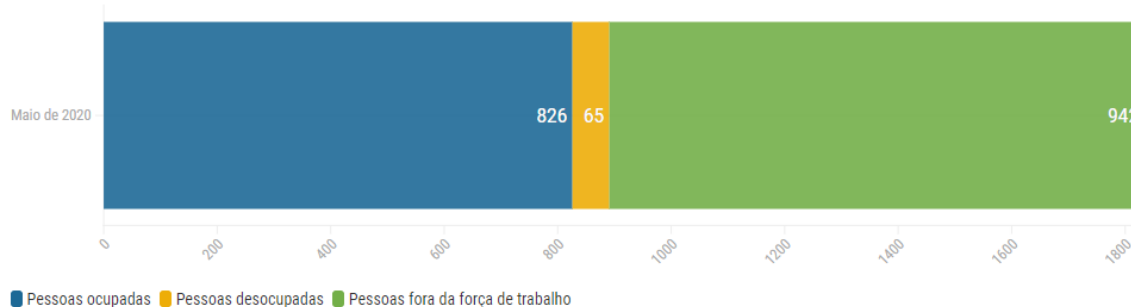
As demais pessoas em idade de trabalhar somavam 942 mil. Essas pessoas não estavam ocupadas no mês de maio e tampouco tomaram alguma providência de busca de trabalho. Por essa razão, são consideradas como população fora da força de trabalho. Com isso, o número de pessoas **fora da força de trabalho**, em maio, era maior do que o número de pessoas **na força de trabalho**, o que, em tempos normais, não é a regra em uma população com a composição etária como a de Sergipe.

Assim, a taxa de participação na força de trabalho, que é o percentual da população na força de trabalho (ocupados e desocupados) no total da população em idade de trabalhar (pessoas com 14 anos ou mais de idade), ficou em 48,6%. Um outro indicador, o nível da ocupação, que é o percentual de pessoas ocupadas no total da população em idade de trabalhar, registrou 45,1%, o que, a grosso modo, significa dizer que a cada 1.000 pessoas em idade de trabalhar, apenas 451 estavam, de fato, trabalhando.

Distribuição da população em idade de trabalhar

Sergipe

Em 1.000 pessoas



Fonte: IBGE/UE/SE

Sem ambiente favorável à busca de trabalho, taxa de desocupação ficou em 7,3%

Em maio, a taxa de desocupação, também chamada de taxa de desemprego, foi de 7,3% em Sergipe, a menor entre as 27 unidades da federação do país. Esse percentual representa o número de pessoas desocupadas, isto é, que tomaram alguma providência para conseguir trabalho, no total de pessoas que estavam na força de trabalho. Ele não leva em consideração, portanto, as pessoas que estavam fora da força de trabalho, ou seja, pessoas em idade de trabalhar que não tomaram providência para conseguir trabalho. É importante destacar que os resultados da Pnad Covid19 não são comparáveis aos resultados da Pnad Contínua, que traz dados trimestrais para o mercado de trabalho e cujos últimos resultados divulgados se referem ao primeiro trimestre de 2020, período menos marcado pelos efeitos da emergência de saúde pública ocasionada pelo novo coronavírus.

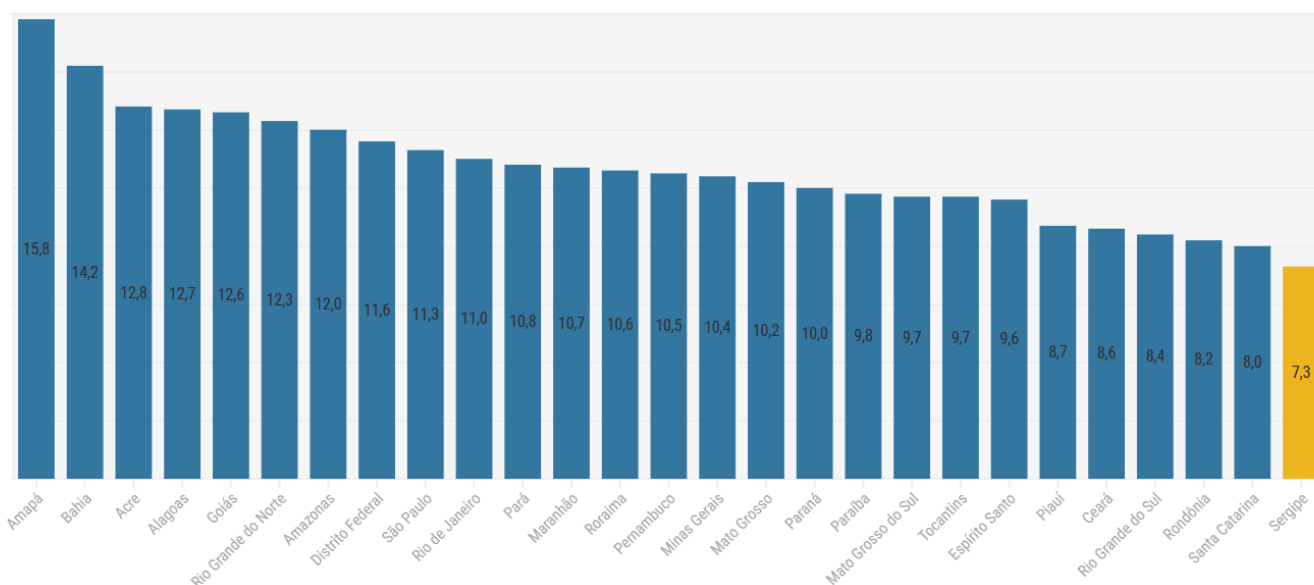
Com as medidas de distanciamento social adotadas, o ambiente para busca de trabalho ficou menos favorável. Com isso, algumas pessoas que não estavam ocupadas, mas que antes da pandemia de Covid-19 estavam tomando alguma providência para conseguir trabalho, podem ter cessado a busca por ocupação. Assim, elas deixam de fazer parte da chamada “força de trabalho” e passam a integrar a população fora da força de trabalho. Essa população não é contabilizada no cálculo das taxas de desocupação (ou taxas de desemprego).

Ainda assim, no conjunto de 942 mil que estavam em idade de trabalhar mas que estavam fora da força de trabalho, 363 mil (38,5% das pessoas fora da força de trabalho) disseram que gostariam de trabalhar, apesar de não terem procurado trabalho. Sergipe teve o menor percentual da região Nordeste para esse indicador, que variou entre 55,4% no Amapá e 18,4% em Santa Catarina. Das 363 mil pessoas que não procuraram trabalho mas que gostariam de trabalhar, 274 mil (ou 75,5%) não o fizeram por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade onde residiam.

Taxa de desocupação (%)

Maio de 2020

Obs.: os resultados da Pnad Covid19 não são comparáveis aos da Pnad Contínua



Fonte: IBGE/UE/SE

23,9% das pessoas ocupadas estavam afastadas devido ao distanciamento social

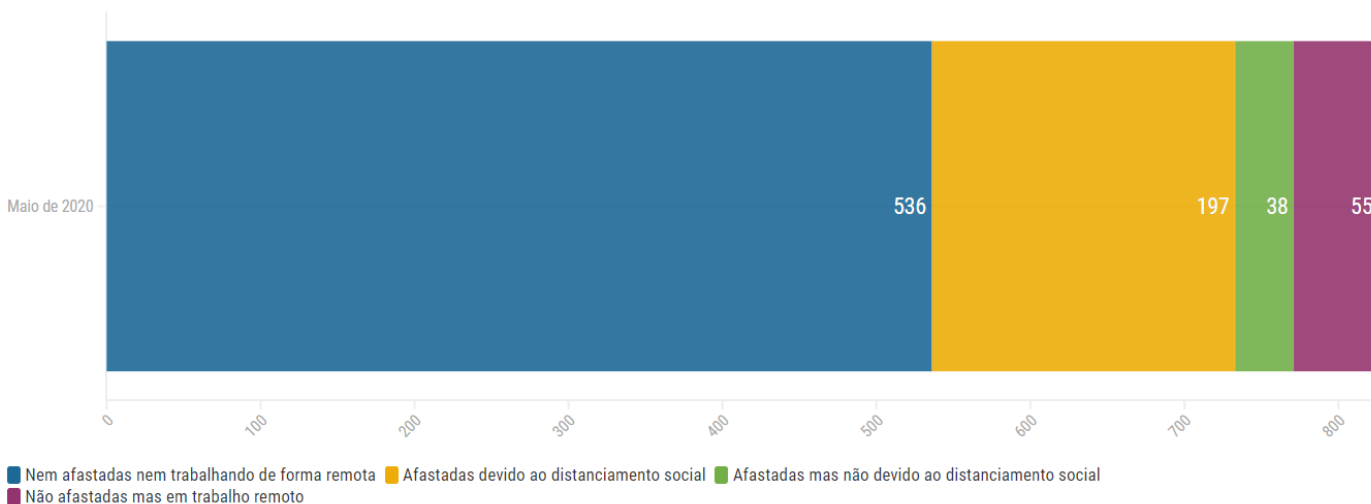
No grupo de pessoas que estavam ocupadas, e que totalizava 826 mil pessoas, 197 mil (23,9%) estavam afastadas do trabalho que tinham devido ao distanciamento social. Outras 55 mil pessoas (9,2% das pessoas ocupadas não afastadas), apesar de não estarem afastadas, estavam trabalhando de forma remota (em teletrabalho ou *home office*, por exemplo). Por fim, 38 mil pessoas estavam ocupadas, mas afastadas do trabalho que tinham por outra razão que não o distanciamento social (férias ou licença para tratamento de saúde, por exemplo).

Os contingentes de pessoas ocupadas, de pessoas desocupadas e de pessoas fora da força de trabalho que gostariam de trabalhar somados chegou a 1,254 milhão de pessoas. O *proxy* da taxa de informalidade, por sua vez, ficou em 45,7%, o que representa 377 mil pessoas. Essa é a terceira maior taxa da região Nordeste, atrás de Maranhão (50,6%) e Bahia (48,0%). No Brasil, a informalidade varia entre 52,5% no Amapá e 20,9% em Santa Catarina.

Distribuição da população ocupada

Sergipe

Em 1.000 pessoas

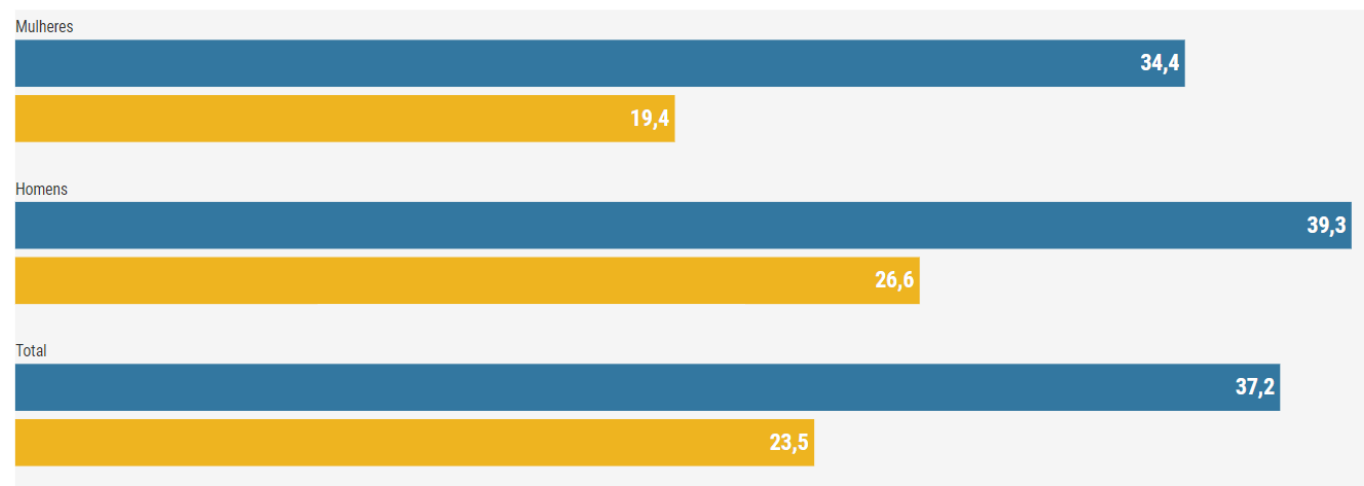


Fonte: IBGE/UE/SE

Das 235 mil pessoas ocupadas que estavam afastadas em maio, mais da metade (58,7% ou 138 mil) deixou de receber remuneração. Os 41,3% restantes (97 mil pessoas) ou continuaram recebendo remuneração ou já estavam sem recebê-la. Esse contingente abrange tanto as pessoas afastadas devido ao distanciamento social quanto as pessoas afastadas por outros motivos. Entre as 591 mil pessoas ocupadas que não estavam afastadas, houve uma redução visível no número de horas trabalhadas. Enquanto o número médio de horas normalmente trabalhadas em uma semana era de 37,2 (39,3 para homens e 34,3 para mulheres), a média de horas efetivamente trabalhadas em maio caiu para 23,5 (26,6 para homens e 19,4 para mulheres).

Número médio de horas trabalhadas normalmente vs. efetivamente

Sergipe



■ Horas normalmente trabalhadas ■ Horas efetivamente trabalhadas

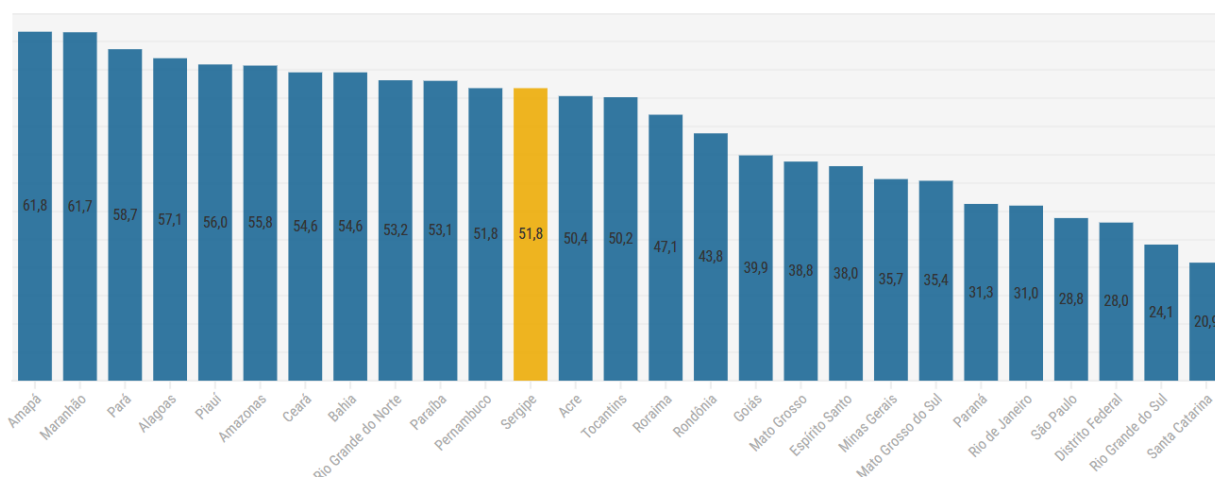
Fonte: IBGE/UE/SE

O número de horas efetivamente trabalhadas foi menor do que o número de horas normalmente trabalhadas para 196 mil pessoas não afastadas (33,3% do total de pessoas ocupadas não afastadas). Por outro lado, o número de horas efetivamente trabalhadas foi maior do que o número de horas normalmente trabalhadas para apenas 20 mil pessoas (3,4% do total de pessoas ocupadas não afastadas). Comportamento similar ocorre com o rendimento médio real. Em Sergipe, o valor normalmente recebido era de R\$ 1.739 em maio, mas o valor efetivamente recebido ficou em R\$ 1.353. Um total de 346 mil pessoas ocupadas com rendimento de trabalho (46,0% do total) tiveram rendimento médio real efetivamente recebido menor do que o rendimento normalmente recebido. Apenas 22 mil pessoas ocupadas com rendimento de trabalho (2,8% do total) estavam em situação inversa.

No que diz respeito ao auxílio emergencial pago pelo Governo Federal, Sergipe aparece com 51,8% dos domicílios recebendo o benefício, o menor percentual entre os estados da região Nordeste. No Brasil, esse indicador variou entre 61,8% no Amapá e 20,9% em Santa Catarina. A média do rendimento proveniente do auxílio emergencial recebido pelos domicílios no estado ficou em R\$ 914.

Domicílios com auxílio emergencial (%)

Maio de 2020



Fonte: IBGE/UE/SE

9,4% das pessoas em Sergipe tiveram algum sintoma de síndrome gripal em maio

A PNAD COVID19 contém um módulo sobre saúde que se propõe a investigar alguns dos principais sintomas associados à síndrome gripal e, conseqüentemente, à COVID19. Em maio, foi perguntado para todos os moradores dos domicílios entrevistados se, na semana anterior à entrevista, algum deles apresentou: (1) febre; (2) tosse; (3) dor de garganta; (4) dificuldade de respirar; (5) dor de cabeça; (6) dor no peito; (7) náusea; (8) nariz entupido ou escorrendo; (9) fadiga; (10) dor nos olhos; (11) perda de cheiro ou de sabor; e, (12) dor muscular. Há três opções de resposta: “sim”, “não” e “não sabe”. Em Sergipe, cerca de 217 mil pessoas apresentaram algum desses doze sintomas em maio (ou seja, responderam “sim”). Isso representa 9,4% da população sergipana, o terceiro menor percentual do Nordeste, atrás de Rio Grande do Norte (7,3%) e Piauí (5,6%). No Brasil, a ocorrência de algum dos doze sintomas investigados em maio variou entre 26,6% no Amapá e 5,4% no Mato Grosso.

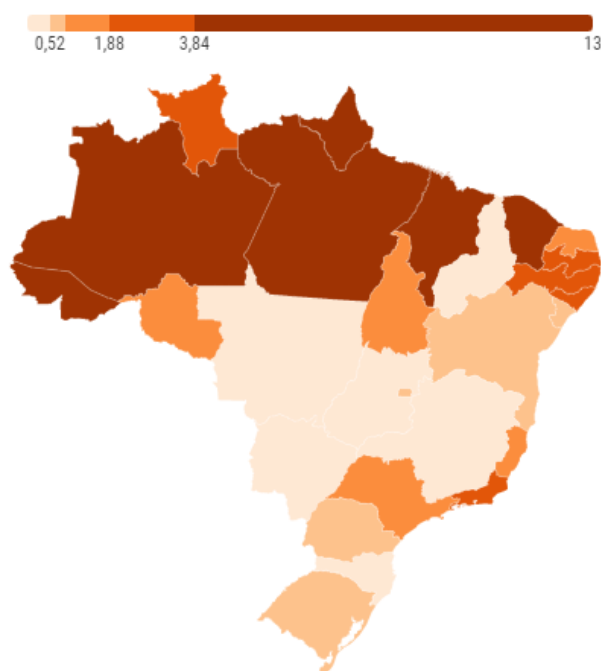
Em decorrência da pandemia de COVID19, muitos estudos na área de saúde têm identificado alguns sintomas que podem estar mais associados à presença do novo coronavírus. Neste sentido, e seguindo esta literatura, foi possível conjugar os sintomas investigados de maneira a apresentar um indicador síntese de pessoas que referiram ter alguns dos sintomas conjugados. Para esse indicador síntese, foram utilizados os seguintes sintomas: (1) perda de cheiro ou de sabor; ou, (2) tosse e febre e dificuldade para respirar; ou, (3) tosse e febre e dor no peito. Utilizando apenas esses critérios, chega-se a 15 mil pessoas em Sergipe (0,7% da população) que, em maio, relataram os sintomas conjugados. No Brasil, a variação ficou entre 12,4% no Amapá e 0,3% em Goiás e Mato Grosso do Sul.

A diferença entre a ocorrência de pelo menos um sintoma e a ocorrência dos sintomas conjugados tem reflexo na busca por estabelecimento de saúde. No grupo com pelo menos um dos doze sintomas, apenas 15,1% (33 mil pessoas) das pessoas foram a um estabelecimento de saúde. No grupo com sintomas conjugados, 8 mil (51,7%) procuraram um estabelecimento de saúde.

Pessoas com algum dos sintomas conjugados

% por unidade da federação

Maio de 2020



Fonte: IBGE/UE/SE

Quase 1,9 milhão de pessoas em Sergipe não têm plano de saúde

Os dados da PNAD COVID19 mostram ainda que dos cerca de 2,316 milhões de pessoas residentes em Sergipe, apenas 442 mil tinham plano de saúde em maio. Isto significa que cerca de 1,874 milhão de pessoas em Sergipe (80,9% da população) não possuía plano.

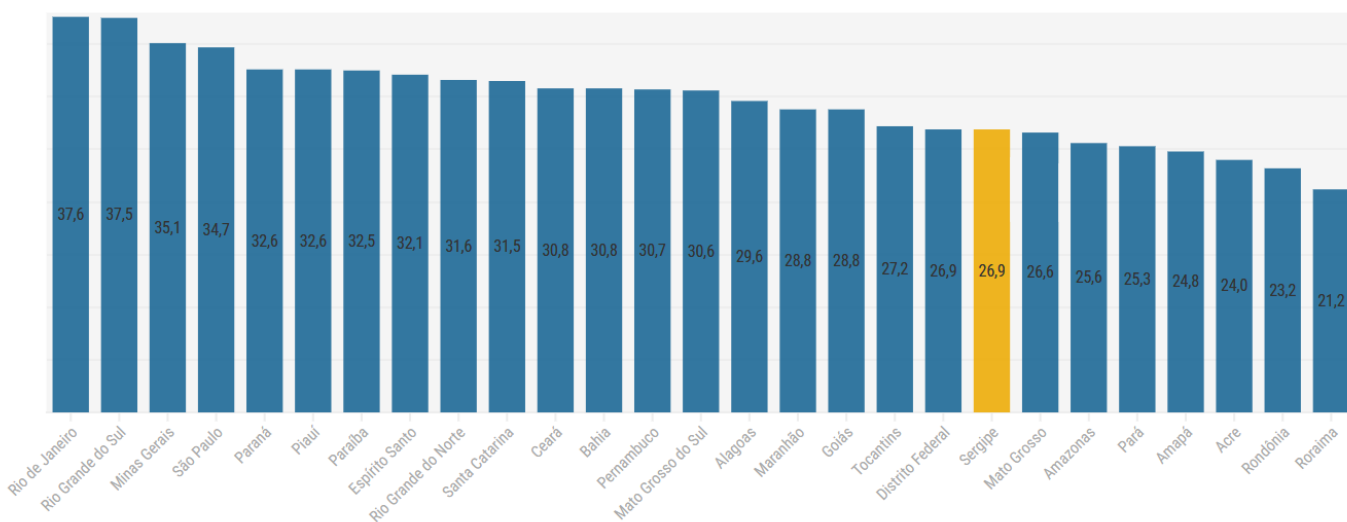
A pesquisa também permite fazer um recorte levando em consideração a presença de pelo menos um morador idoso no domicílio. Nesse caso, em Sergipe, em cerca de 202 mil (26,9%) de um total de 751 mil domicílios, havia pelo menos uma pessoa idosa.

Considerando que a população idosa é um grupo mais vulnerável a sofrer complicações decorrentes da COVID19, Sergipe está relativamente bem posicionado, com o menor percentual de domicílios com pelo menos um morador idoso entre os estados da região Nordeste. No Brasil, em maio, esse percentual variou entre 37,6% no Rio de Janeiro e 21,2% em Roraima.

As 15 mil pessoas que referenciaram os sintomas conjugados referenciados estavam distribuídas em 12 mil desses 751 mil domicílios. Em cerca de 25% desses 12 mil domicílios com pelo menos um morador com sintomas conjugados, havia pelo menos um idoso, que poderia ser ou não a pessoa com os sintomas referenciados. Os outros 75% dos domicílios com pelo menos um morador com sintomas conjugados, não tinha nenhuma pessoa idosa como morador.

Domicílios com pelo menos uma pessoa idosa (%)

Maio de 2020



Fonte: IBGE/UE/SE

Unidade Estadual do IBGE em Sergipe
24 de junho de 2020